

Êxtase, um amor desatinado

Elisa Monteiro e Inês Autran

"Não me parece outra coisa senão um morrer quase totalmente a todas as coisas do mundo e ficar gozando em Deus. Não conheço outros termos para expressá-lo. Não sabe então a alma o que fazer: se fala, se fica em silêncio, se ri, se chora. É um glorioso desatino, uma celestial loucura na qual se aprende a verdadeira sabedoria. Para a alma é uma maneira muito deliciosa de gozar".

Teresa de Ávila, Livro da Vida

"Essas jaculações místicas, não é lorota nem só falação, é em suma o que se pode ler de melhor - podem por em rodapé, nota - *Acrescentar os Escritos de Jacques Lacan*, porque é da mesma ordem".

Jacques Lacan, Mais, ainda, p. 103

Do que se trata na experiência mística? Consultemos os poetas místicos que cingem esse gozo fora da ordem fálica, impossível de dizer. Sua escrita constrói em torno do real um meio-dizer que poderia nos aproximar do gozo-a-mais, próprio da parte feminina dos seres falantes.

Não nos interessa a Teresa de Ávila Santa, a Juana Inés Sóror nem o Juan de la Cruz São, mas sua poesia. Desejando saber um pouco mais sobre o feminino, seguimos aqui o conselho de Freud¹ de consultar os poetas, tomado por Lacan ao pé da letra.

Os místicos falam do amor. De um amor desatinado, do desejo de encontrar esse Outro, da sua união com ele. Nessa união, gozam. É de gozo do Outro que se trata. Diante do desamparo: "Pai, porque me abandonaste?", da inconsistência do Outro que de alguma forma eles pressentem, procuram fazer desse Eros divino, presença.

Para começar a abordar essas manifestações místicas de amor em relação ao feminino, faremos um breve percurso sobre esse conceito em Freud e Lacan.

Em seus últimos aportes sobre o feminino, Freud aponta três saídas para o complexo de Édipo na menina, enfatizando sua masculinidade inicial, ou seja, seu falicismo na

relação com a mãe. Para ele, "tornar-se mulher" é um processo longo e não realizado totalmente. A posição feminina se resumiria a "tornar-se mãe"², isto é, uma substituição do *penisneid* pelo desejo de filho, que implicaria a aceitação da mediação do homem.

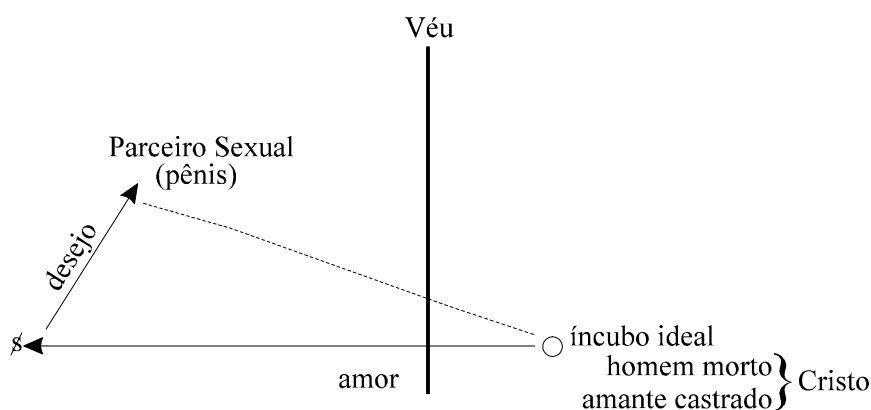
Lacan retoma o falocentrismo freudiano, acentuando a função simbólica do falo. É a partir do significante fálico, único a representar o sexo no inconsciente, que os seres falantes podem se inscrever na partilha dos sexos.

Em "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina"³, ele deixa bem claro que não considera a posição feminina resolvida no patamar da inveja do pênis. Propõe então chamar de fetichista a forma masculina de amor e a feminina, de erotomaníaca. Freud colocava como questão central do feminino a dificuldade de abandono, pela menina, do seu primeiro objeto de amor, a mãe. Mas, desde que ela se voltasse para o pai, na esperança de receber dele o falo-filho, sua ligação com um homem poderia se produzir de forma quase "natural", por um deslocamento do desejo incestuoso proibido. Para além dessa ligação incestuosa com o pai morto, Lacan constata nesse escrito um apelo doloroso das mulheres a um Outro que seria na verdade o objeto do seu culto. "É um amante castrado ou um homem morto (ou os dois em um)" - representado pela figura do Cristo - "que, para a mulher, oculta-se por trás do véu para ali invocar sua adoração"⁴.

À constante reivindicação da mulher de fidelidade do parceiro corresponde uma infidelidade que nela é de estrutura, já que essa convergência do amor e do desejo de uma mulher no mesmo objeto é apenas aparente. Assim como o homem fetichiza uma parte do corpo da mulher, o desejo dela se volta para o pênis do parceiro, que também adquire para ela "valor de fetiche"⁵. Porém seu amor se dirige ao "Outro do Amor" e para chegar a ele, a mulher geralmente necessita do parceiro como relé. "Não é senão de lá onde ela é toda,

quer dizer, lá de onde o homem a vê, não é senão de lá que a querida mulher pode ter um inconsciente"⁶. Mas isso apenas ocorre se sobre ela recair um amor fixado num lugar para além do semblante materno, "de onde lhe veio a ameaça de uma castração que realmente não lhe diz respeito"⁷. O pai, porta-voz dessa ameaça, não se realiza totalmente na posição de Ideal. É desse lugar, para além do pai, ocupado por um íncubo ideal, que uma "receptividade de abraço tem que se reportar, como uma sensibilidade de cinta em torno do pênis"⁸ do parceiro. Esse ponto atrás do véu sublinha a proximidade entre gozo e amor nas mulheres, tão presente na clínica, e explica sua supervalorização do amor. O íncubo é um demônio masculino que na crença popular vem à noite copular com as mulheres, causando-lhes pesadelos. Isso nos remete à dimensão do gozo, para além do princípio do prazer.

Essas formulações de Lacan em "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina" são esquematizadas da seguinte forma:



A inscrição do sujeito na partilha dos sexos nada tem a ver com a anatomia; homem e mulher são significantes. Nem o masculino pode ser identificado ao fálico nem o feminino escapa inteiramente a essa ordem. O feminino é uma posição do ser. Danièle Silvestre define a parte feminina dos seres

falantes como o que objeta à ordem fálica, exatamente "aquilo que a excede ou recusa se reduzir a ela"⁹, seguindo os desenvolvimentos de Lacan em *Mais, ainda*.

Nas fórmulas da sexuação¹⁰, nem o lado esquerdo corresponde aos homens, nem o direito às mulheres.

O lado esquerdo equivale à parte fálica dos seres falantes, ao Um, ao que faz conjunto, ao Universal; já o direito corresponde ao não-todo, à alteridade absoluta, ao Outro sexo. Nessas fórmulas fica evidente que não haveria Universal: $\forall x\Phi x$, sem que a lei da castração torne possível a exceção: $\exists x\overline{\Phi x}$. A entrada na linguagem implica a abdicação do gozo, que no mito de "Totem e tabu"¹¹ é representado pelo assassinato do orangotango, que gozava de todas mulheres, e a instituição do totem.

Com seu aforismo "A mulher não existe", Lacan aponta que não há um "segundo sexo", não há a inscrição do significante mulher no inconsciente. Nas fórmulas da sexuação isso é expresso da seguinte maneira: $\overline{\exists x\Phi x}$ (não existe x que não esteja inscrito na função fálica). As mulheres não fazem conjunto, são uma a uma. Ora, se $\forall x\Phi x$ (nem todo x está inscrito na ordem fálica), algo em cada mulher escapa ao registro fálico. Ela é não-toda inscrita no falicismo.

O aforismo "A relação sexual não existe" afasta qualquer idéia de uma possível complementaridade entre os sexos. Há desarmonia, uma impossibilidade que é de estrutura, já que o objeto é desde sempre perdido ou, como diz Lacan, a relação sexual não existe.

A oposição lacaniana contida nessas fórmulas não é entre ter e não-ter - o falo ninguém tem - mas entre todo e não-todo. Trata-se da diferença entre dois gozos, o fálico e o gozo-a-mais, suplementar, específico da parte feminina dos seres falantes, presente nos poetas, místicos e mulheres. Esse gozo do Outro, fora do significante, é da

ordem da ex-sistência. Éric Laurent o define como "um gozo automático, herdeiro de um gozo autoerótico que permanece autoerótico, num eterno sonhar acordado"¹².

Numa primeira abordagem, a vida desses místicos não parece nada divertida. Fala-se de dores, privações, sofrimentos. Basta lembrar as agruras de Teresa de Ávila e Juan de la Cruz nos conventos dos pés descalços, e a renúncia de Juana Inés ao seu bem mais precioso, sua biblioteca. A biografia de Juana Inés de la Cruz (1651-1695), intelectual e musa da poesia barroca mexicana, fala de uma menina que aos três anos aprendeu a ler e aos seis pedia à mãe que a vestisse de homem e a levasse à Universidade. Apaixonada pelas letras, a única forma de ter livre acesso a uma biblioteca nessa época era entrar para o convento. A recusa à vida cortesã - na juventude encantou a corte com seu espírito - e seu repúdio ao casamento a levam à vida monástica, quando pode se dedicar aos seus escritos, compondo imensa obra poética, filosófica, humanística, pictórica e musical. Um dos seus biógrafos comenta que ela só se tornou "arrebatadoramente santa" nos últimos anos de vida. Exortada por seu confessor não a abandonar, mas a "aperfeiçoar" sua poesia dedicando-se mais aos assuntos religiosos, acaba convertendo sua biblioteca de 4000 volumes, instrumentos matemáticos e musicais em dinheiro para os pobres. Deixa para si apenas três livrinhos, disciplinas e silícios. O que a teria levado a isso? Masoquismo?

Em seu escrito de 58, reabrindo o debate sobre a sexualidade feminina, Lacan denuncia que a pretensa essência do masoquismo feminino não passa de uma fantasia do homem na qual, para se sustentar como falo imaginário da mãe, ele busca manter a ficção d'A mulher. Lacan não nega a existência de masoquistas, mas sim que o masoquismo constitua a essência do feminino, deslocando assim a atenção da idéia da dor para a do gozo nele implicado.

No *Seminário, livro 8: a transferência*, Lacan acentua que "O santo se movimenta inteiramente no domínio do ter. Se ele renuncia a essas coisinhas, é para possuir tudo. E se vocês examinarem bem de perto a vida dos santos, verão que ele só pode amar a Deus como um nome de seu gozo. [...] o santo é um rico. Ele bem que faz o que pode para ter um ar de pobre [...], mas é nisso justamente que ele é um rico [...], pois a sua não é uma riqueza de que se possa livrar facilmente"¹³.

É o que a autobiografia de Teresa de Ávila confirma: menina, "vendo os martírios que os santos sofriam por amor a Deus, parecia-me que compravam muito *barato* a sorte de gozarem de Deus. Desejava morrer assim, para desfrutar depressa dos *imensos bens* que os livros diziam haver no céu"¹⁴. É essa morte gozoza em Deus que ela busca ao fugir de casa com o irmão predileto para oferecer sua cabeça à espada dos mouros.

Com o conceito de privação, Lacan tenta dar conta desse gozo experimentado pelo sujeito no despojamento do ter, fabricando-se um ser. Quanto mais Teresa abre mão dos bens mundanos, mais ela é. A noção de ex-sistência toma aqui todo o seu sentido: o que se busca está fora da medida fálica.

A morte da mãe e o casamento da irmã mais velha levam Teresa ao convento. Seu confessor na época, cuja amizade "não era má, mas em excesso deixou de ser boa", lhe confidenciou sua "perdição" com uma mulher. Começam os acessos de Teresa, males que ela própria chama de histéricos: não consegue engolir, tem febre, vômitos, dores no coração, desmaios. É dada como morta. Só não é enterrada porque o pai adia seu sepultamento. Sua biografia fala desses momentos: "fiquei quatro dias como morta, de modo que só o Senhor pode saber os insuportáveis tormentos que em mim sentia. Parecia estar toda desconjuntada e na cabeça sentia grande desatino"¹⁵.

A violência dessas conversões traduz a violência do desejo recalçado. Teresa faz duras críticas à mãe, por ter lhe despertado o gosto pela leitura de romances de cavalaria, e às "conversas pestilenciais" das monjas, que transformavam o convento num "lugar de perdição".

Paralítica por três anos, Teresa deverá reaprender a andar engatinhando. A experiência mística é a forma escolhida para se curar desses males. Começa a trilhar a via dos patamares ou graus da oração, que se expressam num discurso cada vez mais apaixonado por Deus, "Sua Majestade". Do amor ao pai, passa a esposa de Cristo. Aliás, isso é tudo que ela pede aos homens: serem pais. Seus confessores confirmam o amor de Deus por ela. Para Teresa, o pênis não interessa. Está sublimado na hóstia, que ela prefere bem grande. Sabendo de sua gulodice, S. Juan, confessor e companheiro de fundação de tantas ordens religiosas na Espanha, fazia questão de dar-lhe apenas um pedaço, que ela aceitava resignadamente.

Esse amor incompleto entre homens em mulheres, o daqui da terra, não era o bem que ela desejava: achava uma maravilha descobrir, nos gozos "daqui debaixo", onde estava o contentamento; nunca lhes faltava um 'senão'. Nos gozos do céu, tudo era 'sim' enquanto duravam; o 'não' vinha depois, por ver que se acabaram e não poder nem saber como recobrá-lo.

Juana Inés também rejeita o casamento. É uma intelectual, ama o saber. Recusa o destino comum às mulheres do seu tempo, de passar da grinalda às fraldas. Sabe da impossibilidade de complementação entre os sexos. Em um soneto de sua juventude cortesã, diz:

*1-Al que ingrato me deja, busco amante;
al que amante me sigue, dejo ingrata;
constante adoro a quien mi amor maltrata;
maltrato a quien mi amor busca constante.*

2-Al que trato de amor, hallo diamante,

*y soy diamante al que de amor me trata;
triunfante, quiero ver al que me mata,
y mato al que me quiere ver triunfante.*

*3-Si a éste pago, padece mi deseo;
si ruego a aquél, mi pundonor enojo:
de entrambos modos infeliz me veo.*

*4-Però yo, por mejor partido, escojo
de quien no quiero, ser violento empleo,
que, de quien no me quiere, vil despojo¹⁶.*

E em outro:

*Amor empieza por desasosiego,
solicitud, ardores y desvelos;
crece com riesgos, lances y recelos,
susténtase de llantos y de ruego.*

*Doctrínanle tibiezas y despego,
conserva el sér entre engañosos velos,
hasta que con agravios o con celos
apaga con sus lágrimas su fuego¹⁷.*

A divisão entre amor, dirigido ao íncubo ideal, e desejo, dirigido ao pênis do parceiro, do escrito de 58, será trabalhada por Lacan nos anos 70 como um desdobramento do gozo entre o falo, Φ , e o significante da falta no ou do Outro, $S(\mathbb{A})$. "A mulher tem relação com $S(\mathbb{A})$ e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois, por outro lado, ela pode ter relação com Φ "¹⁸. Lacan trata desse gozo-a-mais, suplementar, em $S(\mathbb{A})$, como suporte da existência de Deus - "[...] a face de Deus como suportada pelo gozo feminino"¹⁹. É esse Outro, Deus, um dos Nomes-do-Pai, que essas almas amam. Trata-se de almor.

Teresa, Juana Inés e Juan querem unir-se a esse Um, como esposas. Em *Canções entre a alma e o esposo*, S. Juan de la Cruz (1542-1591) fala do caminho que a alma, comparada à esposa, tem que percorrer, desligando-se de todas as coisas mundanas, inclusive de si mesma, para chegar a esse amor pleno, à união e gozo com Deus, o esposo.

*Canciones entre el alma y el esposo*²⁰.

Esposa

1- *Adónde te escondiste,
Amado, y me dejaste con gemido?
Como el ciervo huiste,
habiéndome herido;
salí tras ti clamando, y eras ido.*

2- *Pastores, los que fuerdes
allá por las majadas al otero,
si por ventura vierdes
aquel que yo más quiero,
decilde que adolezco, peno y muero.*

9- *Por qué, pues has llagado
aquéste corazón, no le sanaste?,
y, pues me le has robado,
por qué así te dejaste
y no tomas el robo que robaste?*

Esposo

37- *Y luego a las subidas
cavernas de la piedra nos iremos
que están bien escondidas,
y allí nos entraremos,
y el mosto de granadas gustaremos.*

38- *Allí me mostrarías
aquello que mi alma pretendía,
y luego me darías,
allí tú, vida mía,
aquello que me diste el otro día:*

39- *El aspirar del aire,
el canto de la dulce filomena,
el soto y su donaire
en la noche serena,
con llama que consume y no da pena.*

Teresa não compreende seus arroubos. Ela goza: para ela, falar é impossível, pois a alma não atina a formar palavras e, se atinasse, não teria forças para poder pronunciá-las; porque toda a força exterior se perde e aumentam as forças da alma a fim de poder melhor gozar da glória do Senhor.

É de seu êxtase que fala na famosa passagem referida por Lacan no *Seminário 20*, eternizado na escultura de Bernini que ilustra a capa desse Seminário.

Via um anjo perto de mim, do lado esquerdo, em forma corporal, que não costumo ver senão muito raramente [...]. Não era grande, mas pequeno, muito belo e o rosto tão iluminado que deveria ser dos anjos que servem muito próximos de Deus - desses que parecem abraçar-se todos.

Via-lhe nas mãos um comprido dardo de ouro. Na ponta, julguei haver um pouco de fogo. Parecia que ele o metia pelo meu coração adentro, de modo que chegava às entranhas. Ao tirá-lo, tinha eu a impressão que as levava consigo, deixando-me toda abrasada em grande amor de Deus. Era tão intensa a dor que me fazia soltar gemidos; e tão excessiva a suavidade que me deixava aquela dor infinita, que não podia desejar que me deixasse nem se contenta a alma com menos do que Deus. Não é dor corporal, mas espiritual, embora o corpo não deixe de ter participação e bem grande. É um trato de amor entre Deus e a alma que, suplico eu à Sua Bondade, faça-o gozar a quem pensar que minto²¹.

Em sua fala desatinada sobre esse êxtase, ela meio-diz um gozo experimentado nesse encontro, em sua união com esse Eros divino. Em seu desamparo a alma clama o desejo do amor infinito do pai: *Oh! pai, não me abandone*. Nesse momento de ilusão de amparo, goza.

¹ Freud, S. (1996[1932]). "Conferência XXXIII: a feminilidade". In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XXII, p. 165.

² Idem. *Ibidem*, p. 157.

³ Lacan, J. (1998[1958]). "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

⁴ Idem. *Ibidem*, p. 742.

⁵ Idem. (1998[1958]). "A significação do falo. Die Bedeutung des Phallus". *Op. cit.*, p. 701.

⁶ Idem. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 133.

-
- ⁷ Idem. (1998[1958]). "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina". *Op. cit.*, p. 742.
- ⁸ Idem. *Ibidem*.
- ⁹ Silvestre, D. (junho, 1993). "La question féminine". In *L'Autre sex - Revue de La Cause freudienne*. Publication de l' E.C.F, (24), p. 42.
- ¹⁰ Lacan, J. (1985[1972-1973]). *Op. cit.*, cap. VII.
- ¹¹ Freud, S. (1996[1913[1912-1913]]). "Totem e Tabu". *Op. cit.*, vol. XIII, pp. 13-194.
- ¹² Laurent, É. (1992-1993). "Positions féminines de l'être - du masoquisme féminine au pousse à la femme". Seção Clínica na Universidade de Paris VIII: Departamento de Psicanálise. Inédito.
- ¹³ Lacan, J. (1983[1960-1961]). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 347.
- ¹⁴ Ávila, T. (1983[1565]). *Livro da Vida*. São Paulo: Editora Paulinas, p. 12.
- ¹⁵ Idem. *Obras Completas de Santa Teresa de Jesus*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLXII, cap. 6.1, p. 28.
- ¹⁶ Juana Inés de la Cruz, S. (1988). In *Obras Completas*. México: Fondo de Cultura Económica, (1), Lírica Personal, Soneto 168, p. 289.
- ¹⁷ *Ibidem*, Soneto 184, pp. 297-298.
- ¹⁸ Lacan, J. (1985[1972-1973]). *Op. cit.*, p. 109.
- ¹⁹ Idem. *Ibidem*, p. 103.
- ²⁰ Jesus, C. (1964). "Canciones entre el alma y el esposo". In *Vida & obras de San Juan de La Cruz*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, pp. 627-629.
- ²¹ Ávila, T. (1983[1565]). *Op. cit.*, p. 326.